
V CBE0 - Curitiba



V CONGRESSO BRASILEIRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS
Curitiba-PR - Brasil

**SOBRE IDENTIDADES, RITUAIS, PRÁTICAS E NEGÓCIOS NO COTIDIANO DA MORTE
BUDISTA DE NIKKEYS NA CIDADE DE MARINGÁ**

FÁBIO DA SILVA RODRIGUES (UFMS) - f.rodriques@ufms.br

Graduado em Administração UEM (2004), especialista em agronegócio UEM (2006), mestre em Agronegócios pela UFMS (2008) e Doutor em Administração pela UEM (2018).

SOBRE IDENTIDADES, RITUAIS, PRÁTICAS E NEGÓCIOS NO COTIDIANO DA MORTE BUDISTA DE NIKKEYS NA CIDADE DE MARINGÁ

Resumo:

Este trabalho teve como objetivo compreender se e como as práticas dos rituais budistas de morte (luto, funeral e memória) dos membros da colônia japonesa em Maringá influenciaram ou sofreram influência de suas identidades (re) construídas neste contexto, bem como verificar como operam os negócios da morte no cotidiano. Se sustentou teoricamente principalmente nos conceitos: tática e estratégia (CERTEAU, 2002); conveniência (CERTEAU, GIARD E MAYOL, 1998); identidade não-essencialista (HALL, 2004, 2011; WOODWARD, 2000); e identificação (SERRES, 2000). Foi adotada a história oral, observação sistemática e entrevistas semiestruturadas, sendo cinco narrativas de praticantes dos rituais budistas de morte, nove observações de funerais de *nikkeys* e dezoito negócios/segmentos pesquisados. Os resultados indicam que: i) a imigração japonesa foi marcado por conflitos e preconceitos, sendo as identidades definidas a partir do aspecto relacional; ii) os *nikkeys* empregaram a tática para tornarem possível a vida em sociedade; iii) A partir da conveniência, assumiram socialmente uma religião e domesticamente praticar os ritos de memória aos antepassados; iv) os rituais de luto, funeral e memória praticados pelos *nikkeys* são sociais e culturais e não necessariamente religiosos; v) Hoje, a identidade *nikkey* se constrói a partir da perspectiva da identificação, resultado do entrecruzamento das relações de pertencimento do sujeito; vi) o evento da morte *nikkey* em Maringá faz funcionar uma série de engrenagens que tanto buscam manter viva a cultura budista, bem como acionam uma série de negócios. Enfim, conclui-se que as práticas dos rituais de morte dos *nikkeys* em Maringá foram ressignificadas e adaptadas a partir das demandas sociais, culturais e econômicas do cotidiano, reflexo de suas identidades únicas e transformadas pelos aspectos relacionais a que foram expostos, desde que suas famílias chegaram ao Brasil.

Palavras-chave: Imigrante japonês. Indústria da morte. Budismo. Identificação. Cotidiano. *Nikkeys*.

1. INTRODUZINDO

Este trabalho, resultado da tese de doutoramento em administração do primeiro autor, representa uma série de pequenas transgressões no campo de pesquisa da administração: trata de um assunto negligenciado nos estudos organizacionais, a indústria da morte; deriva de um uma tese escrita em primeira pessoa do singular; toma como elemento de partida as práticas cotidianas dos rituais budistas de morte de um grupo de imigrantes - japoneses – e seus descendentes; busca harmonizar teorias e metodologias não convencionais nos estudos organizacionais – ao menos não combinadas; explora a ocorrência de negócios ordinários e não-ordinários derivados da morte de *nikkeys*, como define Carrieri (2014), tal como uma trama de negócios atrelados à morte. Desde a concepção à execução, representa um desafio àqueles que nesta empreitada se envolveram.

No universo dos Estudos Organizacionais, principalmente nas pesquisas interpretativas, que apresentam uma abordagem sociocultural sobre a realidade, neste caso, dos estudos sobre o cotidiano e do simbolismo, que demandam um olhar mais sensível dos fenômenos e objetos, temas inovadores são bem recebidos. Assuntos que fujam do *mainstream*, das pesquisas positivistas e quantitativas, que abordem novas visões de mundo, ganham espaço na pesquisa contemporânea deste campo, como por exemplo, estudos que considerem o cotidiano e a história, como apontam Barros e Carrieri (2015). Acredito que as pesquisas sobre a morte no campo dos Estudos Organizacionais brasileiros se inserem neste escopo.

A pesquisa se sustenta em alguns importantes elementos: a participação em projeto de pesquisa sobre a indústria da morte (CARRIERI, 2014); a negligência do campo de pesquisa da administração quanto aos estudos da morte (REEDY E LEARMONTH (2011); a manifesta presença do Japão em Maringá nos rastros do cotidiano (PARQUE DO JAPÃO, 2018); as possibilidades de novas alternativas de pesquisa no campo da administração com as abordagens correlatas ao cotidiano – táticas, estratégias, bricolagens e conveniência (CERTEAU, 2002; CERTEAU, GIARD E MAYOL, 2000); a sustentação teórica provida pelas abordagens da identidade não-essencialista (HALL, 2004, 2011; WOODWARD, 2000); as novas possibilidades ao campo da administração da proposta teórica da identificação (SERRES, 2000); bem como as alternativas metodológicas representadas pelo uso da história oral temática (MEIHY, 2005).

Metodologicamente, adotamos a história oral temática combinada com a observação para alcançar o propósito da pesquisa. O nosso “descer ao nível da rua” significou conhecer as realidades a partir das práticas dos sujeitos envolvidos diretamente nesta pesquisa. Por esta razão, realizamos observações de nove de velórios de japoneses e descendentes. Outra faceta da pesquisa foi analisar profundamente as histórias orais temáticas de cinco *nikkeys*, a partir de suas narrativas. Por fim, foram pesquisados 18 negócios e/ou segmentos direta ou indiretamente impactados pelo morte de japoneses e descendentes em Maringá.

Assim, considerando que o propósito deste artigo é apresentar os principais resultados da tese que dá origem a este trabalho, o objetivo geral deste artigo é compreender se e como as práticas dos rituais budistas de morte (luto, funeral e memória) dos membros da colônia japonesa em Maringá influenciaram ou sofreram influência de suas identidades (re)construídas neste contexto, bem como verificar como operam os negócios da morte neste cotidiano.

Este artigo se estrutura da seguinte maneira: nesta primeira seção é feita uma breve introdução sobre o artigo, apresentando a problema, justificativa, objetivos e procedimentos metodológicos; na segunda seção busca-se definir os pilares teórico-conceituais desta pesquisa; na terceira seção os resultados são apresentados e discutidos à luz da teoria; na quarta seção apresenta as considerações finais deste artigo. Por fim, apresentam-se as referências pesquisadas.

2. DA IDENTIDADE NÃO-ESSENCIALISTA E DA IDENTIFICAÇÃO

A imigração japonesa no Brasil é um exemplo do processo de conflito e negociação de identidades, já que, embora planejassem voltar à terra natal, aqui permaneceram e constituíram a identidade nipo-brasileira, conforme aponta Lesser (2013). Nessa relação, para melhor adaptação à nova terra, esses imigrantes tendem a suprimir, revisar, adaptar e talvez abandonar certos costumes, na mesma medida em que podem absorver desta cultura, novos valores, costumes e práticas, típicos desta nova terra. A partir da perspectiva de Moraes (2011), que trata dos conflitos que envolviam membros da comunidade japonesa no Brasil, em meados do século XX, esse processo de adaptação nem sempre é suave, podendo estar sujeito a conflitos, o que demanda uma negociação desses valores, costumes e hábitos. Tais valores da cultura constituem a base da identidade nacional dos pertencentes a uma nação. Desse modo, ao negociarem esse pacote cultural, os imigrantes negociam sua própria identidade nacional.

Para Hall (2011), a velha concepção de identidade, de um sujeito unificado, que por muito tempo estabilizou o mundo social, a partir da modernidade tardia perdeu espaço para novas identidades, de um sujeito fragmentado. Assim, esse sujeito não é composto apenas por uma identidade, mas de várias identidades, assumidas em diferentes momentos da vida cotidiana. Dessas recentes e drásticas mudanças nas últimas décadas, tanto Hall (2011) como Woodward (2000), concordam que se estabeleceu uma “crise de identidade”. Woodward (2000) acredita que a identidade é concebida como relacional, sendo definida e reproduzida pela diferença, e de forma consequente, pela exclusão. Woodward (2000) propõe que a diferença pode ter duas faces: se sob um aspecto, a partir da construção negativa da identidade, originada na exclusão ou marginalização das pessoas que são classificadas como “outros”, essa diferença podendo ser social e culturalmente danosa, por outro lado, essa diferença pode ser enriquecedora, quando sustentada nos princípios da diversidade, da heterogeneidade e no hibridismo.

Neste sentido, o conceito de identificação retrata mais fielmente a concepção de identidade que pretendemos abordar, a partir da contribuição do filósofo contemporâneo Michel Serres, que se trata de uma das principais referências que discute a temática da identificação. Como afirma Marcondes Filho (2005), a grande revolução provocada por Serres no mundo intelectual e acadêmico é a proposição da inversão do paradigma da ciência, que sempre fundou seus alicerces no sólido e no estável, mas de fato, apresenta sua verdadeira vitalidade dos processos sociais, físicos e de pensamento em outros lugares, no turbilhão, nos fluxos, no movimento. Desta forma, Michel Serres acredita que o mais importante acontece nos desvios e não na regularidade dos processos.

Serres (2000) compreende a identidade como um conceito flutuante, não fixo, não estático, um conceito de identidade como algo globalmente estável, mas localmente variável. Em sua visão, identidade é a intersecção de todos os pertencimentos do sujeito, que engloba nesta composição a nacionalidade, a profissão, a etnia, ou seja, quanto mais eu tenho pertencimentos, mais eu enriqueço minha identidade. Sustentado na perspectiva pós-estruturalista, Serres (2002) rompe com os pilares teóricos do estruturalismo e recusa fundamentos tradicionais da filosofia como as ideias de verdade, objetividade e razão. Para o pensador, o conceito de identidade para os pós-estruturalistas é descartado, pois identidade faz referência a uma relação do homem com determinada essência. Na visão de Serres (2000) o sujeito não possui identidade, mas relações de pertencimento.

3. SOBRE TÁTICA, ESTRATÉGIA E OS CONTRATOS DE CONVENIÊNCIA

A partir da perspectiva de Certeau (2002) e Certeau, Giard e Mayol (1998) boa parte dos trabalhos acadêmicos sobre cotidiano empregam os conceitos de tática e estratégia, numa busca pela classificação das práticas cotidianas em táticas ou estratégicas. Ocorre que, enquanto as discussões sobre cotidiano são dominadas pelos conceitos de tática e estratégia, pouco destaque é dado ao conceito de conveniência, abordado por Certeau, Giard e Mayol (1998), na vida cotidiana do bairro. Certeau (2002) se interessa pela poética cotidiana do sujeito comum, a vida diária e simples destes sujeitos, suas histórias, narrativas, discursos e práticas também comuns. Ao dar atenção para o homem ordinário, Michel de Certeau (2002) se interessa pelo heterogêneo, aquilo que foge da homogeneidade típica da distribuição estatística normal. Certeau se interessa pelo consumo e pelas artes de fazer deste homem ordinário.

Assim, Certeau (2002) chega ao cerne de sua proposta teórica, quando apresenta os conceitos de estratégia e tática. A estratégia se refere ao cálculo ou manipulação das relações de força, a partir do momento em que um sujeito de querer e poder se isola, ocupa um espaço, algo próprio, sendo o próprio uma vitória do lugar sobre o tempo, já que capitaliza vantagens conquistadas, possibilita empreitadas maiores. Destaca-se na estratégia a questão da visão, pois permite ver mais longe, um olhar panóptico, onde o controle é maior. O poder do saber se manifesta na ação de conquistar um lugar próprio.

Por sua vez, a tática se configura na ausência do próprio, já que seu lugar é o lugar do outro. A tática não permite se esconder no espaço, é dinâmica, é astuta, é movimento, no espaço de domínio e controle do outro. Opera golpe por golpe, lance por lance, tratando-se de uma hábil utilização do tempo. Atua nas brechas, nos espaços, nas fendas, se aproveitando oportunamente das falhas das conjunturas particulares, não faz reservas, pois aquilo que ganha, não o guarda. Numa situação de dependência em relação ao outro, quanto mais fraca a força submetida à direção estratégica mais estará sujeita à astúcia, já que a tática é determinada pela ausência de poder. Joga constantemente com os acontecimentos para transformá-los em situações, ocasiões, aproveitando de situações oportunas e convenientes (CERTEAU, 2002).

Ademais, além da perspectiva das práticas cotidianas abordada por Certeau, a partir dos já consagrados conceitos de tática e estratégia, busco abordar a perspectiva da conveniência. Certeau, Giard e Mayol (1998) abordam o conceito de conveniência, que tem como cenário a vida cotidiana de um bairro francês, *Croix-Roussse*. Nesta realidade de convivência com pessoas que, apesar de termos algum tipo de contato, mesmo que superficial, são estranhas à nossa convivência íntima, nos deparamos com situações do dia a dia que confluem para uma relação mista entre comportamentos formais e aspectos aleatórios destes encontros, que nos conduzem a uma posição defensiva. Sobre esta convivência em espaços compartilhados, definem coletividade como “um lugar social que induz um comportamento prático mediante o qual todo usuário se ajusta ao processo geral do conhecimento, concedendo uma parte de si mesmo à jurisdição do outro” (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998, p. 47).

Para os autores, a conveniência se refere aos modos de “consumo” adequados e convenientes para as práticas e relações sociais em determinado grupo coletivo, quando nos obrigamos a dar contrapartidas, expressas por meio de um contrato tácito, manifestado por códigos de linguagem e comportamento que permitem a coexistência harmônica entre sujeitos diferentes, mas que compartilham da mesma convivência pública. É no corpo que se manifestam todas as mensagens textuais sobre esta conformação conveniente a determinado espaço, que se materializam na forma de se falar, de se vestir, de se comportar, na medida em que se buscam recompensas, os chamados benefícios, desta relação (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998). Assim, “para se manter ‘conveniente’ é preciso saber jogar o perde-ganha” (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998, p. 55).

4. SOBRE OS ACHADOS DA PESQUISA

4.1 A IDENTIDADE DO IMIGRANTE JAPONÊS FOI RECONSTRUÍDAS A PARTIR DO ASPECTO RELACIONAL

O processo de imigração dos japoneses no Brasil não foi isento de conflitos (MORAIS, 2011), o que demandou uma negociação dos valores, costumes e hábitos. Quando se deparam com a realidade no Brasil os imigrantes japoneses percebem que tudo é diferente: da língua, da tradição familiar, da casa, do chão de *tatame*, do banho de *ofurô*, dos preparos dos alimentos, de comer o feijão salgado e não doce como no Japão (KODAMA, 2002). Se não bastassem as diferenças culturais, sociais e religiosas, muitos sofreram perseguições, sendo tratados como problema nacional, sendo considerada impossível sua integração (MORAIS, 2011) à cultura local. No fim da Segunda Guerra Mundial, os japoneses foram proibidos de se comunicar em japonês, de ensinar crianças na língua materna, o que impedia a transmissão dos valores e filosofia do Budismo, bem como impedidos de praticar seus cultos religiosos, sobretudo os ritos fúnebres.

Nestes guetos, de forma clandestina e mesmo sujeito às investidas da força policial, a transmissão de valores budistas era realizada por meio da educação (MORAIS, 2011). Neste contexto, um dos principais desafios dos imigrantes japoneses foi resistir, com as armas que dispunham, as táticas e bricolagens (CERTEAU, 2002) para manter um dos principais pilares da cultura japonesa, a prática dos rituais budistas de morte, mesmo que de forma sorrateira, por vezes adaptada. As práticas cotidianas foram adaptadas neste contexto que se apresenta, por meio de bricolagens.

Na visão de Kodama (2000), quando observa-se o processo de imigração dos japoneses no Brasil, destaca-se a importância dos fatores de ordem cultural, principalmente os que se relacionam com a questão da identidade japonesa, num íterim entre a preservação da mesma e o brasileiroamento destes imigrantes. Para os brasileiros, o que marca a presença dos imigrantes japoneses no Brasil desde sua chegada são suas peculiares características culturais e traços físicos, principalmente pela comparação com os imigrantes europeus. Neste sentido, a constituição da identidade do imigrante japonês ocorreu de forma relacional (WOODWARD, 2000), pela comparação e posição relacional com o outro, bem como a partir da concepção do outro. Isto explica em parte a discriminação e o preconceito sofrido por estes.

4.2 OS NIKKEYS EMPREGARAM A TÁTICA PARA SE APROPRIAR DAS VANTAGENS DE UMA VIDA SOCIAL E ECONÔMICA HARMONIOSA

Apesar da aparente submissão aos instrumentos de controle social, cultural, político e econômico, o imigrante japonês não se entrega a passividade e assujeitação, rejeitando a estrutura que lhe é imposta e reinventando formas alternativas de viver em sociedade. Neste sentido, tais práticas culturais e sociais passam a ser incorporadas ao cotidiano do *nikkey* por meio da bricolagem, já que essa comunhão criativa de diversos elementos culturais resulta em algo novo (CERTEAU, 2002), alterando a lógica dominante na produção dos significados. Assim, como concebem Neira e Lippi (2012, p. 610), com a bricolagem não se espera descobrir verdades escondidas, já que “[...] o que se pretende é entender sua construção e questionar como os diversos agentes sociais produzem e reproduzem o que é imposto pelos recursos hegemônicos”.

Tal cenário adverso é fator de motivação à ação bricolada do *nikkey*, que faz novos usos dos artefatos que tem a sua disposição, num espaço que não é seu. Tais táticas (CERTEAU, 2002) que adota, traz consigo um código ancestral de resiliência, de resistência, de sobrevivência. A prática dos rituais budistas de morte revelam essa prática resistente as estruturas de dominação e poder. Tal atitude dos imigrantes japoneses e seus descendentes, de manter os rituais de morte mesmo sob condições adversas e perseguição, respalda-se na perspectiva apresentada por Genep (1978), que acredita que os rituais de passagem são cruciais para revitalização do grupo ou da cultura.

Para gozar dos benefícios da vida social e coletiva, na nova terra, muitos imigrantes japoneses buscarem se integrar à nova condição de vida. O sofrimento do preconceito e da perseguição seria agravado na medida em que a resistência explícita dos *nikkeys* se manifestasse. No entanto, estes não sucumbiram de forma passiva, pelo contrário. Sorrateiramente, práticas microscópicas de ação destes sujeitos ordinários, no espaço do outro (CERTEAU, 2002), também eram incorporadas no cotidiano, a fim de resistir e subsistir pelo uso de táticas. Mesmo reconhecendo as diferenças culturais e sociais, para estabelecer o contrato social, por meio da conveniência (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998), aceitaram o jogo do cotidiano a fim de se estabelecerem. Porém, adaptam tanto suas identidades quanto as formas de fazer.

Das adaptações que puderem ser observadas, notamos algumas delas na observação dos velórios e nas práticas domésticas. Das observações que fiz *in loco*, os velórios, as cerimônias tanto ocorreram em templos budistas como em capelas mortuárias. Nas celebrações tradicionais, que ocorreram no templo, a presença de símbolos budistas e elementos cerimoniais ritualísticos do funeral budista parecem ser mais perceptíveis. No entanto, mesmo ocorrendo no templo mais tradicional da cidade nas duas cerimônias ocorreram adaptações dos rituais. Num dos velórios, a adaptação mais sensível foi a ocorrência da missa de sétimo dia no mesmo dia do velório, sendo que a alimentação servida aos convidados também nada tinha de elementos da cultura japonesa. Já em outro velório, a adaptação percebida foi a introdução de partes das liturgia em português na celebração.

Observo que em algumas celebrações mais tradicionais permaneceram todos os símbolos, enquanto em outras alguns são suprimidos. Por exemplo, o *koden* se mantém em praticamente todas as celebrações. Mesmo quando não ocorrem no rito formal, depositados na caixa preta ao lado do caixão, ocorrem em outro momento. Esta manutenção do costumes se explica porque a prática do *koden* extrapola os limites do Budismo ou dos rituais de morte, já que é comum da prática japonesa presentear as pessoas com dinheiro, bem como oferecê-los em outras ocasiões, como casamento, mudança, nascimento dos filhos.

4.3 A PARTIR DA CONVENIÊNCIA, OS *NIKKEYS* ASSUMEM SOCIALMENTE UMA RELIGIÃO E PRATICAM OS RITOS DE MEMÓRIA AOS ANTEPASSADOS

A solução que muitos imigrantes japoneses encontraram para obter êxito no processo de adaptação à cultura brasileira, ou ao menos mitigar os malefícios do preconceito sofrido, foi aceitar a nova condição que a vida lhes oferecia. Como tinham que trabalhar, estudar os filhos e constituir minimamente uma vida social no Brasil, preferiram uma maneira conveniente de viver cotidianamente. Um desses casos uso do expediente da tática para subsistir é relatado por uma das narrativas analisadas, quando da obrigação do batismo na igreja católica para poder matricular-se na escola. Neste caso, da obrigação de tornar-se católico para frequentar a escola ou para manter o emprego, se revelam as práticas astuciosas da tática, conforme prevê Certeau (2002). Mesmo que socialmente frequentando a Igreja Católica, não participando das ações dos Templos Budistas da cidade, nos rituais domésticos de culto memorial aos antepassados, em

casa as famílias realizavam suas práticas ancestrais de origem budista, infringindo a lógica dominante imposta pelos sujeitos de querer e poder, graças as suas ações táticas. Além da tática, tal prática astuciosa dos *nikkeys* revela ações típicas das relações de conveniência.

Dos velórios, observo tanto situações de famílias que lidam bem com o sincretismo próprio das celebrações de japoneses, neste intervalo entre Budismo e Cristianismo. A única exceção ocorre num velório onde a viúva demonstra receio de assumir publicamente suas práticas domésticas dos rituais de memória aos antepassados, bem como pelo apagamento de alguns símbolos da celebração. A fim de não perder os benefícios simbólicos da conveniência (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998), suprime no funeral símbolos budistas da celebração do falecido marido, já que o padre e as colegas da Igreja Católica poderiam discriminá-la, por suas práticas. Contudo, embora não assumindo escancarada e publicamente a prática budista, como no funeral, em casa, tática e astuciosamente (CERTEAU, 2002), pratica os ritos memoriais diariamente. Essa adaptação bricolada acomoda as situações aparentemente conflitantes, por meio da identificação (SERRES, 2000) numa identidade única, que se revela única, no entrecruzamento de suas relações de pertencimento.

Outro aspecto, o fato de concomitantemente assumir duas posturas religiosas, considerando o Budismo como filosofia, parece ser uma tática dos praticantes *nikkeys* para driblar as estruturas de poder impostas pelos sujeitos de querer e poder. Ao assumirem um duplo comportamento, socialmente assumindo para o grande público uma religião cristã, por exemplo, e domesticamente praticando rituais budistas ligados à morte, tais sujeitos agem microscopicamente, atuando nas brechas do cotidiano, por meio de ações táticas. Se por um lado cumprem com os costumes herdados dos antepassados, por outro, não perdem as vantagens do contrato tácito da conveniência. Tais práticas astuciosas conferem a esses sujeitos os benefícios que lhe são pertinentes, das duas práticas.

Da mesma forma, a partir da proposta conceitual de conveniência (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998), para manutenção de um contrato social, que garanta a convivência harmoniosa em sociedade, os japoneses e descendentes buscam zelar pelas boas relações. A fim de lograr êxito deste relacionamento, tais práticas astuciosas confundem os sujeitos de querer e poder, já que tais sujeitos se mantêm praticando domesticamente sua religião de origem, a fim de manutenção de costumes ancestrais, sem com isso perder os benefícios da boa convivência coletiva.

4.4 OS RITUAIS DE LUTO, FUNERAL E MEMÓRIA PRATICADOS PELOS *NIKKEYS* SÃO SOCIAIS E CULTURAIS E NÃO NECESSARIAMENTE RELIGIOSOS

A prática, incorporada junto aos *nikkeys* desde muito cedo por meio da familiaridade com este universo particular, permite que estes reproduzam naturalmente tais costumes em suas ações cotidianas. Tanto os rituais específicos do funeral, como acender incenso, depositar o *koden*, recitar as sutras, bem como as ações típicas das celebrações memoriais, como a oferta de uma alimentação tradicional aos convidados e a entrega de uma lembrança como forma de agradecimento a presença no funeral são maneiras que estes japoneses e descendentes recriam para expressar essas práticas ritualísticas fúnebres.

Podemos considerar que as práticas dos rituais budistas de morte realizados pelos integrantes da colônia japonesa em Maringá, mais do que atividades religiosas são, sobretudo, práticas culturais e sociais. Isto se nota, quando observamos que as práticas dos rituais de morte budista desenvolvida por japoneses e descendentes em Maringá, mais do que atender a aspectos formais do Budismo, enquanto seu componente religioso ou espiritual, buscam dar resposta as demandas sociais e culturais próprias do universo *nikkey*. Tal perspectiva tem respaldo na reflexão que Wilson (1954) *apud* Turner (1974), quando menciona que nas ocasiões em que a forma de expressão nos rituais é obrigatória e convencional, os valores do grupo é que são

revelados, o que se associa a obrigação social e cultural de reproduzir práticas e prestar contas aos valores impressos na cultura japonesa.

Ou seja, a partir da análise destas práticas, associadas a observação das cerimônias fúnebres, à luz das teorias elencadas para sua análise, posso considerar que, de fato, estes rituais fúnebres são preponderantemente culturais e sociais. Como define Menezes e Gomes (2012), a partir da perspectiva antropológica, a morte não é um acontecimento isolado, mas sim um processo. Quanto a perspectiva social, os rituais de morte para os japoneses e descendentes tanto buscam cumprir com uma prática que se aproxima de uma celebração social, um evento social (HERTZ, (2008[1907])), como atende uma obrigação para com os mortos (MENEZES E GOMES, 2012), bem como serve para afirmação e circunscrição dos vivos (CUNHA, 1978).

Assim, se nas práticas domésticas acentua-se sobretudo o caráter cultural, nas celebrações fúnebres públicas o aspecto social destaca-se. Tal perspectiva de considerar as práticas dos rituais budistas de morte, a partir do seu aspecto social, pode ser observada na forma como as famílias conduzem as cerimônias. Mesmo não esvaziadas do aspecto místico, tais práticas são carregadas de elementos sociais, já que, por exemplo, a oportunidade de realizar uma cerimônia memorial bem organizada, farta de comida de boa qualidade, além de ser uma oportunidade de reunir a comunidade japonesa se configura numa ocasião de demonstrar que a família goza de boa condição financeira e econômica.

Nas celebrações públicas, como o funeral e as missas memoriais, como a família e comunidade japonesa estão reunidas, existe um comportamento adequado e conveniente que esses sujeitos têm que manifestar, com a finalidade de receber os benefícios simbólicos desta relação. Existe um *modus operandi* próprio, artes de fazer que configuram um contrato tácito de conveniência (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998), o qual sustenta este relacionamento. Por estarem expostos à coletividade, esse lugar social induz um comportamento prático, que demanda que os usuários se ajustem a tais condições, expressos por formas de se comportar, pelas artes de fazer (CERTEAU, 2002).

Estas formas de expressão são manifestadas por símbolos e códigos compartilhados pelo grupo, o que permite a coexistência harmoniosa. Incensos, *koden*, recitação de sutras, alimentos típicos, entrega de lembranças são exemplos destes artefatos simbólicos que criam um vínculo entre os participantes das celebrações fúnebres budistas. Deste compartilhamento simbólico de elementos comuns, criam-se contrapartidas que funcionam como leis, manifestadas pelo convívio coletivo, em que a vida cotidiana cobra comportamentos e atitudes destes *nikkeys*, conforme esse contrato social tácito da conveniência. Os japoneses e descendentes, a partir da lógica da conveniência (CERTEAU, GIARD e MAYOL, 1998), são intimados socialmente por sinais e símbolos que determinam a estes uma ordem secreta de comportamento, conforme as demandas da própria conveniência e do cotidiano. Assim, é preciso saber jogar o jogo do perde e ganha para se manter conveniente nesta arena, a fim de ganhar os benefícios simbólicos desta relação, bem como inserir-se completamente no ambiente social.

No entanto, as práticas adotadas pelos *nikkeys*, neste novo contexto que se apresenta, não mais guardam plenamente as tradições budistas de forma pura. Dessas reinvenções das práticas dos cultos de morte, tanto os praticantes quando os monges buscam formas de adaptar a ritualística própria do Budismo às demandas do cotidiano. E a dimensão destas adaptações nos rituais e cerimônias fúnebres não se limitam às práticas domésticas dos *nikkeys*. As celebrações públicas como o rito funeral e as missas memoriais também sofreram ao longo do tempo um processo de adaptação, ajustando as exigências de manutenção da cultura e da tradição japonesa às necessidades que emergem do cotidiano, por meio de práticas sincréticas e bricoladas.

4.5 HODIERNAMENTE, A IDENTIDADE *NIKKEY* SE CONSTRÓI A PARTIR DA PERSPECTIVA DA IDENTIFICAÇÃO

As formas de discriminação contra o imigrante japonês ocorreram sob as mais diversas configurações. Se formos analisar tal questão a partir da identidade, neste caso algo vinculado à identidade nacional, quando buscamos como referência para análise a comparação por fatores relacionais (WOODWARD, 2000), ou seja, defino a identidade a partir da comparação de sujeitos de aparências diferentes e, apenas a partir do estereótipo defino uma identidade, corro sério risco de agir de forma preconceituosa, porque acredito que exista uma referência, exista um padrão. Assim, acredito que a busca da definição de uma identidade, mesmo a partir da perspectiva não-essencialista, sobretudo quando me sustento no aspecto relacional, é inadequada para definir o *nikkey*. A visão de que a identidade de um sujeito é única e singular, que se sustenta no conceito de identificação proposto por Serres (2000), parece ser mais adequada para compreender a constituição da identidade do *nikkey*.

Assim, a perspectiva da identidade não essencialista, quando concebida a partir da diferença e do aspecto relacional, perdem poder de explicação dos fatos e fenômenos observados pelas práticas dos *nikkeys*, quando comparada ao poder de explicação do conceito de identificação proposto por Serres (2000). A busca por compreender a identidade a partir da comparação com o outro, por meio da perspectiva relacional, por si só já se demonstra conflitante, na medida em que se configura num mecanismo excludente de definição de identidade. Ao me definir ou definirem-me enquanto identidade a partir da comparação com o outro, estabelece-se um padrão pobre e preconceituoso de definição de quem sou eu, na medida que não dependo deste outro para me definir enquanto sujeito. Quando Serres (2002) critica o conceito de identidade, já que considera que identidade faz referência a uma essência que de fato não existe, justamente se opõe a este por considera-lo naturalmente excludente, preconceituoso, a base de todo racismo.

Os conflitos identitários dos *nikkeys*, quando em algum momento enfrentam determinada crise de auto definição, em boa parte não emergem daquilo que de fato surge do conceito que têm de si próprios, mas sim, da imagem e identidade externa, que os outros têm sobre sua pessoa. Neste sentido, se consideramos a necessidade de aceitação em uma sociedade, seriam transferidos para terceiros a responsabilidade para definir o que é o sujeito. O problema crucial, no entanto, reside no fato de que, mesmo se nos sustentássemos no princípio da identidade não-essencialista, quando partimos da perspectiva de que a identidade se constrói na história, no cotidiano, a partir da diferença e do aspecto relacional (WOODWARD 2000; HALL, 2011), a própria construção da identidade que congregue todos os sujeitos que pertencem a um determinado grupo, por exemplo a identidade nipo-brasileira, em si carrega uma forte tendência ao racismo, à discriminação, à exclusão. A ideia de reconstruir uma identidade, falha por querer buscar uma essência no sujeito, a partir de uma identidade nacional, japonesa, que de fato não mais existe. Essa mesma ideia de essência pode ser considerada quando se busca a concepção de uma identidade religiosa, como no caso a budista.

A posição de refutar a concepção de identidade, mesmo que a não essencialista, parte empiricamente da análise das histórias dos japoneses e descendentes em terras brasileiras desta pesquisa, bem como do suporte teórico que Serres (2000) nos apresenta. Considerando que os fatos mais importantes ocorrem nos desvios e não na regularidade, a perspectiva pós-estruturalista de Serres (2000) rompe com o conceito de identidade, na medida em que a concepção de identidade faz referência à ideia do homem com uma determinada essência. Desta forma, mesmo considerando que o japonês e seus descendentes em algum momento da vida, no processo de integração à vida comunitária no Brasil tiveram que adotar taticamente algumas identidades, mesmo que contraditórias, as adotaram apoiadas na forma bricolada de uma ação

tática a fim de captar os benefícios da conveniência, nos moldes de Certeau, Giard e Mayol (1998).

Neste sentido, os *nikkeys* não possuem identidades, mas sim relações de pertencimento que se dão na intersecção de todos esses pertencimentos do sujeito, pois a identidade de um sujeito é única, cada sujeito é único, conforme a proposta de Serres (2000). Assim, em relação à identidade do *nikkey* não se pode limitar a definir um padrão estabelecido por métricas formais, ou ainda a partir da distribuição normal da estatística, já que, a partir da compreensão teórica de Certeau (2002), a esta lógica positivista escapa a poesia e o fraseado que emerge das práticas do sujeito comum no cotidiano. Ao não apresentar regularidade, a vida destes sujeitos não cumpre uma linearidade que possa permitir o traçar de um perfil alinhado, homogêneo, conciso. O mosaico de possibilidades de construções de infinitas identidades, a partir das práticas cotidianas de cada sujeito, bem como a partir das singulares intersecções de relações de pertencimentos (SERRES, 2000) que moldam e definem a identidade singular de cada sujeito, o faz único. Portanto, limitar o *nikkey* a uma identidade parece empobrecer a rica trajetória de construção deste sujeito.

4.6 OS NEGÓCIOS DINAMIZADOS PELA EVENTO DA MORTE NIKKEY

No contexto da morte *nikkey* emerge a possibilidade de negócios ligados à morte absorverem parte de recursos econômicos da comunidade japonesa. Ou seja, quando consideramos a perspectiva da Indústria da Morte (CARRIERI, 2014), da possibilidade da exploração econômica da vida em seu último estágio, a morte - ou até depois da morte - busco compreender quais implicações econômicas ocorrem nos negócios ligados à morte de membros da comunidade japonesa. Neste sentido, vasculhei negócios convencionais e ordinários que de alguma forma auferem lucro, se aproveitam das oportunidades, se adaptam, exploram as fissuras do mercado e se constituem enquanto negócios. Aproveito para refletir sobre os principais achados desta pesquisa.

Quanto às empresas de serviços mortuários, quando analiso o grande *player* do setor, a partir do arcabouço teórico proposto por Certeau (2002), observo que se configura num sujeito de querer e poder, detentor da estratégia, definindo tanto a estrutura quanto a estratégia, enfim, as regras do jogo no setor. O fato de possuir o próprio, pelo domínio do cemitério privado, pela gestão das capelas mortuárias, que ficam defronte ao cemitério municipal, se reflete não apenas em domínio territorial, mas sim estratégico. Tal posicionamento estratégico privilegiado não permite grandes possibilidades para a concorrência. Existe uma construção monopolística, aparentemente disfarçada de oligopólio, com uma concorrência que de fato não existe, já que todas as funerárias da cidade teoricamente operam na sala mortuária do Prever.

Quanto ao segmento dos *nikkeys*, embora não declarem a existência de uma estratégia formal, algumas ações estratégicas demonstram a importância deste segmento. A implantação um crematório, em parte, atende à uma demanda deste segmento de mercado. A campanha de divulgação deste novo empreendimento teve como alvo os membros da comunidade japonesa. Quanto aos produtos e serviços, embora não exista diferença, existem personalizações, já que se adapta o *mix* de marketing a essas necessidades específicas. Adaptam as salas, os adornos, as cores, disponibilizam a caixinha para depósito do *koden*, alteram o cardápio da noite, oferecendo *missô*.

No intuito de conhecer a atuação do Sistema Prever a partir dos olhares dos sujeitos ordinários, a caminhada pela cidade é bricolada pelo caminhar entre os velórios que observavam (CERTEAU, 2002). A partir da perspectiva dos consultores de venda de plano funerais, pode se admitir que buscam sobreviver astuciosamente num ambiente hostil. Revelam que,

estrategicamente, o evento da morte se configura numa oportunidade de vender planos funerários.

Quanto aos templos budistas, o que podemos constatar é que o evento da morte se configura numa oportunidade para captar novos fiéis para os templos. Percebe-se que enquanto alguns templos e os monges buscam reinventar-se para manutenção de suas atividades, processo que passa pela modernização de ritos, celebrações em português, captação dos jovens, expansão para não nipônicos, outros ainda se mantêm arraigados aos aspectos tradicionalíssimos da liturgia budista. Os cultos fúnebres adaptados, as homilias realizadas em português pelos templos menos conservadores, permite que os familiares compreendam a celebração e busquem sentido e funcionalidade no cerimonial. Tanto a celebração pública, quanto a doméstica, devem fazer sentido, devem ser funcionais para os japoneses.

Neste processo de adaptação, os templos, neste caso considerados como organização, buscam adaptar além das estratégias de atuação. As bricolagens extrapolam o ajuste da língua, da simplificação e flexibilização dos ritos, atingindo o ajuste nas artes de fazer. Num dos casos observados, o monge não é japonês, não fala japonês, teve uma formação pouco sólida. Como também não escreve em japonês, após a celebração funeral, pede para outro monge escrever no *ihai* e depois entrega a família. Tal prática representa uma tática (CERTEAU, 2002) deste monge, que, a partir das armas que possui, num campo de conflito, pois com os monges japoneses e tradicionais enfrenta resistência, atua de maneira astuciosa.

Algumas ações dos monges destes templos que buscam se adaptar às demandas do ambiente refletem ações administrativas. Aproveitam oportunidades de negócios, oferecendo produtos e serviços, como no caso da oferta de água benta personalizada e pomadas curadoras, não exigindo contrapartida financeira, mas aceitando doações, caso ocorram. O fato de não vincular cobrança na prestação de serviços fúnebres também se configura numa prática astuciosa, pois as famílias enlutadas costumam pagar mais do que fosse cobrado um valor fixo. Enquanto um monge recebe um salário mínimo para celebrações funerárias o outro monge, embora não revele o valor, diz que segundo os outros monges ele é um monge caro, pois as pessoas pagam pelo “diferencial competitivo” que ele e seu templo apresentam.

As ações de um dos templo analisados revela ações de planejamento e definição de estratégias. Tal evidência se constata por alguns aspectos, já que segundo o monge que administra esse templo, aquilo deve funcionar como um escritório. Sistemas de computador registram as datas dos aniversários de falecimento, o que permite que malas-diretas sejam enviadas quatro meses antes das datas memoriais, a fim de motivar as famílias a realizarem as celebrações fúnebres. Por ser sujeito de querer e poder, como o próprio monge diz, tendo um certo poder que lhe é conferido, de gestão das celebrações fúnebres, aciona a partir do evento da morte e das celebrações memoriais, uma engrenagem que repercute em formas de manutenção das atividades do templo.

Neste sentido, observa-se que os templos possuem uma espécie de “demanda retraída” de “produtos e serviços” que poderiam ser disponibilizados aos praticantes dos rituais budistas de morte. Novos negócios e serviços podem ser observados nos templos, como maneiras de manutenção das atividades do templo, como o columbário, que poderia ser mais bem explorado. Outra possibilidade, em razão da cada vez mais frequente “falta de tempo” das pessoas em prestar cultos aos antepassados, é a prestação do serviço de cuidado com o *Butsudan* e o *ihai* das famílias, havendo em contrapartida o pagamento de uma mensalidade ao Templo.

Neste contexto, alguns negócios ordinários emergem do cenário da morte de *nikkeys* em Maringá. O homem ordinário (CERTEAU, 2002) se manifesta na constituição de um negócio particular, o serviço de guardador de carros. Quando consideramos a lógica de organização-cidade (MAC-ALLISTER, 2001), que abriga a mesma estrutura e complexidade das organizações formais e informais, a cidade se torna possibilidade de exploração de oportunidades. Atuando como catador de materiais recicláveis convencionalmente, quando

sabe da ocorrência de velórios de “japoneses”, se direciona ao cemitério municipal, porque sabe que as gorjetas são boas nestas ocasiões. Sua ação tática (CERTEAU, 2002) se manifesta em sua prática microbiana de penetrar nas fissuras da estrutura social e sobreviver.

Outro negócio que classifico como ordinário que merece destaque se refere a atuação do *sushiman*. Famoso na cidade por ofertar o serviço de *chef* de cozinha japonês *delivery*, o *sushiman* atende celebrações memoriais em Maringá e região. A sua vantagem competitiva é a comodidade que oferece, o cuidado com a apresentação e o simbolismo dos pratos, o respeito à cultura japonesa e atenção aos detalhes da comida tradicional, sem grandes inovações, mantendo a simplicidade. Fez adaptações nos sabores, diminuindo o adocicado da comida e acentuando o sal.

Vinculado aos serviços de alimentação, a peixaria adota uma estratégia interessante. Como 70% dos seus clientes são da comunidade japonesa, atendendo exclusivamente o *Fujinkai* do templo mais tradicional cidade, procuram se diferenciar por oferecer produtos frescos e com qualidade superior, pois a confiança é a base do relacionamento. Patrocina eventos da ACEMA, bem como as atividades do Templo, com o intuito de garantir a fixação de sua marca na mente dos consumidores *nikkeys*. Se aproveitamento oportunisticamente do evento da morte, dos funerais e das celebrações memoriais, procura atender da melhor forma possível os familiares *nikkeys* do falecido, a fim de garantir que estes retornem para comprar em um outro momento, convencional, que não em celebrações fúnebres. Desta forma, o evento da morte se configura numa oportunidade de fazer novos negócios, vendas futuras.

Outro negócio que merece destaque nesse desvelamento de novidades que esta pesquisa permitiu se refere a atuação do *Fujinkai*. Considerando um negócio que emerge dentro do próprio templo, como uma associação de mulheres com a finalidade de preservar a cultura japonesa, esta célula dos templos budistas tem ações análogas a uma organização. Quando ocorrem os eventos memoriais, as famílias tradicionalmente contactam o templo, que encaminha ao *Fujinkai* para que se providencie os serviços ritualísticos de alimentação. Embora não ocorra a cobrança formal, a partir da perspectiva dos templos e do *Fujinkai*, alguns relatos demonstram que existe uma tabela de preço, bem como valores pré-estabelecidos para este serviço prestado.

Neste sentido, no mesmo mercado que gira ao redor da morte budista, especificamente de *nikkeys*, alguns negócios que antes tinham um mercado cativo começam a perder espaço. Serviços e produtos considerados como tradicionais nas celebrações fúnebres, como os setores de túmulos e revestimentos, placas de bronze, letristas em *kanji*, fábricas de *ihai* e *Butsudan*, perceberam ao longo das últimas quatro décadas, o escasseamento de encomendas. As lojas de presentes, que vendiam *Butsudan* e *ihai* pararam de vendas, pois o giro era pequeno demais. A fábrica de *Butsudan* fechou. Demonstram que até a segunda geração, dos *nisseis*, muitos costumes ainda se mantinham, mas na transição para a terceira geração, dos *sanseis*, muitos costumes se perderam, o que refletiu em seus negócios.

Nestas brechas, aproveitando-se das oportunidades da tecnologia e da sociedade contemporânea, novos serviços e produtos emergem. Sob a justificativa de alinhar praticidade com economia, somada ao menor envolvimento com as práticas budistas e o afastamento do templo, muitos *nikkeys* buscam alternativas para atender as necessidades culturais, de memória ao antepassado. Do outro lado, empresas aproveitam-se das oportunidades de negócio e lucram com o evento da morte budista. Hoje, no Brasil, tanto é possível comprar *Butsudan* e *ihai*, inclusive de segunda mão, pela *internet*. Ou ainda, no Japão, pode-se contratar um monge *delivery* para celebrar o rito memorial ou o funeral de um ente querido, ou ainda pagar pelos serviços de um robô que celebra o ritual budista a um preço bem mais acessível que a oferta oferecida ao monge. Empresas funerárias, no Brasil, já disponibilizam uma lista de monges budistas para prestação dos serviços espirituais.

Na falta de tempo para praticar o culto memória diário aos falecidos, tanto os templos, com as salas memórias, os columbários, a sala dos altares, quanto as empresas do setor funerário, com a possibilidade de agregar o uso da tecnologia para guardar e zelar pelos *ihais*, cinzas e *Butsudans* dos falecidos, podem ser aproveitar das oportunidades de negócio, para disponibilizar este tipo de serviço a ser explorado. O que se observa é que cada vez mais a tecnologia e a praticidade serão lançadas como formas de captar a preferência de consumidores que, por um lado querem manter a tradição, mas, por outro, não pretendem “gastar tempo” com práticas e celebrações funerárias.

Enfim, posso observar que novos negócios emergem no cotidiano da morte japonesa na cena maringense. Se não na mesma lógica necrocapitalista proposta por Banerjee (2008), nem na ótica essencialmente biopolítica de Foucault (2008), já que a vida não é diretamente subjugada, a fim de promover uma cultura de morte que desumaniza o sujeito, que permita ou promova a sua morte, a fim de auferir lucro, mas que são de alguma forma irrigadas pelo dinheiro que provê deste evento da morte de *nikkeys*. Num mesmo espaço disputam a renda, que é restrita, várias organizações, de formais à informais, de ordinárias à convencionais, com estratégias deliberadas ou emergentes - ou apenas com as táticas - mas que buscam auferir lucro a partir do evento da morte de membros da comunidade japonesa.

7. CONCLUSÕES

Nosso objetivo foi compreender se e como as práticas dos rituais budistas de morte (luto, funeral e memória) dos membros da colônia japonesa em Maringá influenciaram ou sofreram influência de suas identidades (re)construídas neste contexto, bem como verificar como operam os negócios da morte neste cotidiano. Ao adotar a história oral temática, procurei contar a história destes imigrantes japoneses e de seus descendentes a partir do recorte das práticas relacionadas aos rituais de funeral, luto e memória, analisados à luz da teoria. De fato, não dei voz a estes sujeitos, pois estes já têm suas próprias vozes, por vezes inaudita, sufocada, silenciada e apagada, sendo que a própria história oficial confirma isso. Apenas oportuneizei que estas vozes, de alguma forma, fossem escutadas.

O que se pode constatar é que no processo de imigração japonesa para o Brasil a saga destes sujeitos no Brasil não foi isenta de conflitos. Não somente foram discriminados, mas também foram perseguidos, em alguns casos privados da liberdade. Impedidos de manifestar sua cultura por meio da língua, dos costumes, dos hábitos e das práticas dos rituais fúnebres, sobretudo das cerimônias memoriais. Mesmo neste cenário adverso, contudo, não se entregam à passividade. Agiram microscopicamente nas fendas da estrutura social e cultural, subvertendo a lógica dominante dos sujeitos de querer e poder, confundido os definidores da estratégia, ressignificando os sentidos impostos pelos donos do próprio. Sorrateiramente, praticaram táticas astuciosas que rasgaram as estruturas impostas, que definem um lugar social e um espaço restrito reservado aos imigrantes.

A fim de se apropriar das vantagens de uma vida social e econômica menos conflituosa, os *nikkeys* buscaram subterfúgios astuciosos, das táticas, não pelo enfrentamento direto a esses sujeitos de querer e poder, mas pela exploração das brechas que tais instrumentos de opressão apresentavam. As práticas religiosas e culturais se configuraram em práticas de bricolagens, ajustando e adaptando os rituais, ressignificando seus sentidos. Buscando manterem-se ativos economicamente, por meio de seus negócios e de seus empregos, aceitaram astutamente “jogar o jogo” da conveniência.

Para lograr os lucros da conveniência, se adapta a nova vida, constituindo uma nova identidade, itinerante, dinâmica, exclusiva, que se adapta às brechas que a nova cultura e vida

social lhe permitem, quando não, vasculhando novas possibilidades nas entrelinhas desta sociedade. Adaptam os costumes possíveis, lançando mão das táticas de sobrevivência social, por meio de bricolagens que permitem que se construam novas práticas culturais e sociais, inclusive um novo sujeito social. O próprio fato de conceberem o Budismo enquanto filosofia e não a partir de seu aspecto religioso, dissociando-o de seu aspecto religioso é uma artimanha, astuciosa artimanha, que busca amenizar olhares preconceituosos, tanto da sociedade como de outras religiões.

Hodiernamente, as práticas dos *nikkeys* foram novamente reinventadas. Não mais necessariamente precisando assumir duplas identidades, embora suas práticas tanto sociais quanto culturais sejam bricolagens, bem como suas práticas religiosas sejam sincréticas, não mais necessitam vincular-se a determinada identidade que os limite em suas possibilidades. Isto se observa sobretudo na religião, quando estes flexibilizam o próprio Budismo e as decorrentes práticas dos rituais fúnebres, assumindo seu caráter filosófico, social e cultural, o distanciando do aspecto religioso. Preferem assumir-se enquanto sujeitos no mundo a partir de suas relações de pertencimento e não a partir das definições impostas pelos sujeitos de querer e poder. É justamente neste entrecruzamento das relações de pertencimento que emerge a identidade deste sujeito, única, singular, exclusiva.

Assim, a partir da compreensão de construção identitária proposta por Serres (2000), de que a identidade do sujeito se sustenta no entrecruzar das relações de pertencimento, o que resulta em uma identidade particular, este estudo permitiu contribuir academicamente. Em que pese o amplo uso do conceito de identidade no campo dos estudos organizacionais, mesmo a partir da perspectiva não-essencialista, a perspectiva pós-estruturalista da identificação, pensada por Serres (2000) refuta o conceito de identidade, já que este remete a uma relação do sujeito com determinada essência. Desta forma, ao menos a partir das análises teórico-empíricas desenvolvidas nesta pesquisa, o conceito de identificação apresentou maiores possibilidades de explicação dos fenômenos analisados do que o conceito de identidade, sobretudo por conceber cada sujeito a partir de sua singularidade. Assim, acredito que a identificação permite aos estudos organizacionais novas alternativas de pesquisas, representando possibilidades de “oxigenação” neste campo científico.

Desta forma, posso considerar que, a partir das práticas dos japoneses e descendentes, os rituais de funeral, luto e memória e funeral são sociais e culturais e não necessariamente religiosos. Ainda, quando observo que nos rituais fúnebres alguns símbolos são extintos ou adaptados, enquanto outros se mantêm, sobretudo aqueles que reforçam os laços sociais, como a alimentação servida aos convidados, a entrega do *koden* e a oferta de uma lembrança em agradecimento à presença e às condolências prestadas, tais evidências reforçam a noção de que a manutenção do contrato tácito de conveniência é uma condição essencial para a manutenção dos laços que unem a comunidade japonesa. Esta dimensão é reforçada pela identidade assumida por estes sujeitos, a partir do cotidiano, que não busca mais se admitir enquanto essência identitária, mas sim se compõe a partir de um mosaico de possibilidades, obtida a partir do entrecruzamento de relações de pertencimento que esse sujeito vivencia, a partir da identificação, que o constitui enquanto sujeito.

Ancorado na proposta de Carrieri (2014), admito que a Indústria da Morte se constitui numa trama de negócios, estabelecida por diversas organizações, heterogêneas em sua essência, tendo a morte como elemento central. O que se observa é o que evento da morte *nikkey* se configura numa oportunidade de negócios a ser explorada pelas organizações enredadas pelas teias da morte. Nestas possibilidades heterogêneas, tanto os templos aproveitam a oportunidade da morte para captar novos colaboradores e frequentantes dos templos, como as peixarias aproveitam-se das cerimônias fúnebres para, ao atenderem bem os familiares daquele que faleceu, garantir vendas futuras. No entanto, da mesma forma que emergem novos negócios no

cotidiano da morte de japoneses e descendentes, outros fecham ou ainda enfrentam a escassez de clientes.

Quanto ao objetivo desta pesquisa, podemos afirmar que as práticas dos rituais de morte dos japoneses e descendentes inseridos na cena maringense, foram ressignificadas e adaptadas à medida que as demandas do cotidiano que vivenciavam foram emergindo. Desde o processo imigratório, passando pelas agruras da perseguição e do preconceito, das incertezas de viver numa terra distante do Japão, com costumes e hábitos estranhos aos seus, até o processo de aceitação da nova condição de vida e um certo “abrasileiramento”, tais sujeitos passaram por severos conflitos identitários. Esses conflitos, em maior ou menor grau, impactaram de formas diferentes os sujeitos, a partir do recorte das gerações, refletindo também de formas distintas na constituição de suas identidades. Por consequência, tanto os rituais, quanto as práticas e as identidades foram reconstruídas e ressignificadas, adaptadas às demandas do cotidiano. Neste contexto, emergem negócios heterogêneos, formais ou informais, com ou sem fins lucrativos, com estratégias deliberadas ou emergentes, dos pequenos aos grandes, que direta ou indiretamente exploram comercialmente ou auferem lucros, aproveitando da oportunidade gerada pelo evento da morte de *nikkeys*.

Enfim, a partir do estudo sobre o cotidiano de Michel de Certeau, como argumenta Carrieri (2014), o que se busca é relacionar tal cotidiano com a gestão, para assim estudar o gerir das organizações, as artes de fazer que compõem tal cotidiano, bem com estudar as práticas dos sujeitos comuns neste espaço. A limitada visão de cotidiano como algo entregue à passividade e à linearidade, associado a elemento de segunda categoria nos Estudos Organizacionais, deve ceder lugar para o cotidiano como espaço de possibilidades, inclusive de pesquisa acadêmicas. A própria história positivista, pautada no caráter homogeneizador do estudo das organizações, acaba por apagar, silenciar, esquecer ou menosprezar a história destes sujeitos comuns, que constituíram organizações e fizeram parte da construção social, da constituição de determinada história. Essas evidências ficam patentes no processo de imigração dos japoneses para o Brasil. Desta forma, quando consideramos o campo dos Estudos Organizacionais, a construção deste trabalho, além das implicações acadêmicas, por se configurar numa ação transgressora neste campo, quando analisada a partir da dimensão social e histórica busca ter implicações políticas.

E que implicações políticas seriam estas? Se refere a uma função política e social desta pesquisa se justifica quando busca recontar a história da saga de imigrantes japoneses no Brasil, sob outro olhar, para além da história oficial. Assim, recontando essa história, a partir de outras perspectivas, dos olhares dos praticantes, a partir de suas narrativas, esta pesquisa busca, se não reparar, ao menos reconstruir a história da imigração japonesa no Brasil, a partir do viés dos rituais fúnebres, sob outros olhares, sob outras experiências. Assim, além de reivindicar na história uma nova demarcação, busca quem sabe mitigar os impactos negativos sofridos por esses imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil, possibilitando às novas gerações, de brasileiros, porém com raízes ancestrais japonesas, a oportunidade de construir suas próprias histórias, suas próprias identidades.

5. REFERÊNCIAS

- BANERJEE, S. B. Necrocapitalism. *Organization Studies*, v. 29 n. 12, p. 1541-1563, 2008.
- BARROS, A., and CARRIERI, A.P. O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. *Rev. adm. empres.* [online]. v. 55, n. 2, p. 151-161, 2015.
- CARRIERI, A. P. "*Nós que aqui estamos por nós esperamos*", um estudo das identidades e práticas estratégicas cotidianas na indústria funerária e no negócio da morte. Projeto de Pesquisa elaborado para ser enviado ao Edital do CNPq. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- CERTEAU, M. de. *A cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995. (Coleção Travessia do Século).
- _____; *A invenção do cotidiano – Artes de Fazer* (7ª Ed.). (Ephrain Ferreira Alves, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes. 2002.
- _____; GIARD, L.; MAYOL, P. (1998). *A invenção do cotidiano: 2 – Morar, cozinhar* (2ª Ed.). (Ephrain F. Alves e Lucia E. Orth, Trad.). Rio de Janeiro: Vozes. 2002.
- DUARTE, A. M. Sobre a biopolítica: de Foucault ao século XXI. *Revista Cinética*, v. 1, p. 1-16, 2008.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da biopolítica: Curso no Collège de France (1978-1979)*. Trad. Eduardo Brandão e Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- GENNEP, A. V. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- _____. *Quem precisa da identidade?* In: SILVA, Tomas T. da. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.
- KODAMA, K. *O sol nascente do Brasil: um balanço da imigração japonesa*. In: INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000.
- LESSER, J. *Immigration, ethnicity and national identity in Brazil*. New York: Cambridge University Press. 2013.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MORAIS, F. *Corações sujos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- REEDY, P. and LEARMONTH, M. Death and organization: Heidegger's thought on death and life in Organizations. *Organization Studies* v. 32, n. 1, p. 117-131, 2011.
- SERRES, M. Novas tecnologias e sociedade pedagógica. *Interface*, Botucatu, v. 4, n. 6, p. 129-142, 2000.

TURNER, V. W. *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura*; Trad. De Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.